

# O Rio de Janeiro entre quatro paredes. Cidade, confinamento e sociabilidade

Junia de Vilhena

*As conseqüências da privatização do espaço público, por uma doutrina de segurança, que instala grades, cercas e outras barreiras, indicam uma colonização de nosso imaginário. A restrição da circulação pela cidade, a desconfiança mútua entre os territórios da favela e do asfalto são analisadas como fatores de influência nas formações subjetivas.*

**Palavras-chave:** Segurança, produção de subjetividade, paranóia, agorafobia

---

A recente nota na coluna de Ancelmo Góis no Jornal *O Globo* do Rio de Janeiro,<sup>1</sup> acerca do desejo dos moradores de transformar algumas ruas do Jardim Botânico em um *novo* Jardim Pernambuco, enclave no Leblon, com um dos mais altos PIBs da cidade, não pode deixar de merecer algumas reflexões. Tais reflexões, felizmente, encontram eco no mesmo jornal, na coluna de Zuenir Ventura acerca do muramento /enclausuramento das favelas – *Por um muro ecológico*.

Cada vez mais nos acostumamos com o fechamento paulatino dos espaços de convivência pelas grades. Assistimos (certamente com repercussões clínicas), a uma inversão histórica em uma tradição milenar da humanidade. O que agora causa pânico são os espaços abertos e não mais os fechados. Temos medo de andar pelas ruas, pelas praças, pelas avenidas, como se do aberto, do público, da *ágora*, pudessem surgir os demônios das “classes perigosas”. Não nos parece coincidência o surgimento de tantos casos diagnosticados como *síndrome do pânico* e uma grande mudança na sociabilidade de nossas populações (Vilhena,2003).

Como não podemos mais confiar nas estruturas e instituições que nos amparavam somos lançados em nosso desamparo e, aparentemente, reduzidos à materialidade da vida biológica – a vida nua, como Giorgio Agambem (2002) definiu na introdução de seu livro *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Para o autor a polis deve ser considerada como o “lugar em que o viver deve se transformar no viver bem” (p. 9) e, no entanto, cada vez mais, a cidade tornou-se o lugar do perigo, das ameaças, de território conflagrado.

Blindamos nossos carros, gradeamos nossos prédios, cercamos nossas praças acreditando saber de onde vem o perigo. Fingimos também desconhecer que grades, cercas e muros não são objetos inertes e sim discursos que produzem respostas e agenciam subjetividades.

Não sejamos ingênuos. Grades, cercas e muros instauram um clima de guerra – não são apenas barreiras físicas, mas um discurso que convida o sujeito não apenas à ultrapassagem, mas ao desvelamento do que por trás existe de tais barreiras. Há aí um desafio, um convite à agressão, por parte daquele que é barrado contra àquele que lhe tolhe o direito de livre movimento.

---

1. Jornal *O Globo*. 8/4/2009 – Coluna do Ancelmo Góis, p. 10

Essas marcas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro têm uma visibilidade particularmente acentuada devido ao elevado percentual de aglomerados de exclusão no núcleo urbano. A proximidade amplia a visibilidade da violência que, através dos meios de comunicação de massa, torna indistintos trabalhadores pobres e bandidos, policiais sérios e corruptos. Tornam, também, mais visível os guetos que vão sendo construídos para diferentes estratos sociais. Para a favela – muros. Para as ruas, guaritas, cercas, grades e seguranças. Não é de se espantar a lucratividade da arquitetura do medo.

Na paranóia da segurança há uma colonização de nosso imaginário que se rende à inexorabilidade do fechamento, do distanciamento daquele que não mais reconheço como meu semelhante. A privatização do espaço público esvazia o que de político há nele – o espaço aberto para as discussões – a *polis*.

Às vezes o medo se manifesta pelo silêncio ou pela obediência, usados como um recurso de evitação ao confronto. Mas o sentimento de grilhões que aprisionam e emudecem o corpo muitas vezes não mais suportam que o sujeito se cale. E aí, não importando as consequências os atos surgem em uma torrente de tudo dizer, de mais nada abdicar e sem mais nada a perder. Temos aí o território conflagrado.

Recente pesquisa da *Revista Rio Show* indica que o passatempo favorito dos cariocas é o shopping – nele busca-se o cinema, o restaurante, o barzinho e a paquera, “longe dos perigos da rua”. Ou seja, em uma cidade rodeada pelo mar e pelas montanhas, de inegáveis belezas naturais, optou-se por uma “duplicação” da cidade sem o que de *cidade* há nela – a diferença, os cheiros, os ruídos... e os “estranhos”. Mas para isto pagamos o preço do confinamento.

Confinamento dos shoppings, dos condomínios/cidades e da fobia do inesperado, parte pulsante e viva da cidade. Naturalizamos as câmeras que nos observam e, cada vez mais, vamos restringindo nossa circulação pela cidade. Sob a justificativa de uma política de segurança estamos acabando com o comércio, com os cinemas, com a vida da rua, buscando incentivar, cada vez mais, a criação de shopping-centers. Nada melhor do que tentar duplicar a cidade, sem o que de “desagradável” há nela – o diferente.

Não se trata de ser a favor ou contra *shopping centers* ou condomínios -, trata-se, sim, de poder perceber quais as implicações, familiares, escolares, laborais e, certamente, clínicas, que a exclusividade de tais opções acarreta.

O que observamos é que o lugar para os afetos, as amizades, o respeito mútuo, a confiança, vai ficando cada vez mais restrito; a circulação entre os espaços cada vez mais circunscrita e as trocas entre os pares cada vez mais inexistentes. É sempre bom lembrar, as implicações que o lugar que construímos e vivemos representam na construção de nossas subjetividades, em nossa sociabi-

lidade e na forma como nos relacionamos, amamos e trabalhamos. Para aqueles que tendem a desprezar esta relevância, uma breve leitura do livro de Zigmund Baumann (2009), *Confiança e medo na cidade*, certamente será enriquecedora.

Sabemos que o problema da violência não é exclusivo das cidades brasileiras, mas é instigante em termos psicológicos e chocante em termos éticos ver a facilidade com que durante tanto tempo convivemos com o que qualquer mente, medianamente socializada, definiria como barbárie.

Protegidas desta “poluição social”, como bem salienta Jurandir Freire Costa (1985), estabeleceu-se uma relação de exclusão, no tocante ao povo como um todo, não elaborando nenhum tipo de identificação com as vítimas da violência a não ser quando esta atinge alguém de seu círculo imediato, ou, invade o cotidiano, de uma classe anteriormente protegida, como parece ser o caso atualmente. Neste momento, fechamo-nos em nossas casas, gradeamos nossas praças, blindamos nossos carros – assim abrimos mão de nossa cidade e acreditamos que este *outro* a roubou de nós!

Sabemos não ser possível deixar de lado as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro nas últimas décadas. Se não podemos reduzir a patologia psíquica ao social (equívoco cometido por muito tempo pelas esquerdas, ao creditar toda a violência à pobreza), mais grave ainda seria aceitar os argumentos de uma direita insensível e oportunista que credita a insensibilidade e violência dos atos cometidos, à uma natureza intrínseca de jovens, naturalizando o que foi pacientemente construído ao longo de décadas de abandono, ganância e oportunismo, desmantelando a rica vida associativa, fundamental no direcionamento das demandas coletivas e de uma sociabilidade positiva, solidária e fraterna (Vilhena, 2005).

Está na ordem do dia falarmos em desenvolvimento sustentável – mas olhe-mos nossas cidades. Parece-me que eliminaram o ser humano dos eco-sistemas. Não tenho a menor dúvida que na África sub saariana, Somália e Sudão dentre outros, o meio ambiente (físico) está muito menos degradado do que a população que lá vive. O mesmo podemos dizer do Iraque, do Afeganistão, da Bósnia e certamente do Brasil.

Em outras palavras: acredito que o processo que engendra a vida em nossa cidade deve implicar, também, o questionamento à lógica econômica que preside nossos valores, subvertendo regras que nos empurram para um ambiente ausente de propósitos sociais comuns.

Desenvolvimento sustentável não se dá sem sustentabilidade do humano em seus mais delicados afetos. Uma Agenda 21 voltada, igualmente, para tudo aquilo que diz respeito ao sujeito parece-me mais eficaz se queremos, realmente, deixar de herança um planeta que acolha melhor nossas futuras gerações. Esta é a verdadeira preocupação ecológica!

O indivíduo *condominizado* não se direciona para o espaço público – praças, ruas, vizinhos, uma vez que se encontra assentado em solitárias formas de convivência. Do Outro, visto como ameaçador ou como uma cópia imperfeita do Eu, é preciso se afastar, uma vez que o diferente deve ser banido de sua convivência.

O que é que o laço social vem disponibilizando ao sujeito contemporâneo? O que faz o reconhecimento do outro como semelhante e que permite a vida em comunidade? Segundo Saramago (1998) “*um mundo... que para todo sempre, declarasse intocável o direito de cada qual a ser persa, pelo tempo que quiser e não obedecendo a nada mais que suas próprias razões*” (p. 1).

Persa, árabe, latino-americano, inglês ou hindu; católico, protestante, judeu ou muçulmano, branco, negro, índio; pobre ou rico –, trata-se mais de buscar, simultaneamente, um *território-mundo*, de valores, direitos e deveres universais que conviva com os singulares territórios de nosso grupo, nossa fratria, nosso coletivo, sempre respeitando a singularidade que é, não apenas inerente ao ser humano, mas fundamental na difícil tarefa do existir. E este mundo não comporta tantas grades, cercas, muros, câmeras –, exclusões.

Não é tarefa fácil – todos sabemos. Mas o cinismo de aceitarmos o que “é”, abrindo mão do que acreditamos “deveria ser” é moralmente indigno.

Gostaria de terminar com uma pequena história que se passa na África: a gazela acorda todo dia sabendo que tem de correr para que o leão não a devore; o leão acorda todo dia sabendo que tem de correr para não passar fome. Moral da história: quando o sol surge não importa se você é leão ou gazela – é melhor que comece a correr...

## Referências

- AGAMBEM, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.
- BAUMANN, Zigmund. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- SARAMAGO, José. Chiapas. Nome de dor e esperança. *Folha de São Paulo*, p. 1- jun. 1998.
- VILHENA, Junia. Da claustrofobia à agorafobia. Cidade, confinamento e subjetividade. *Revista Rio de Janeiro- fase III*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 77-90, jan/abr. 2003.
- VILHENA, Junia. Da cultura do medo à fraternidade como laço social. O funk, o rap e a poesia dos manos. In: VILHENA, VIEIRALVES e ZAMORA (Orgs.). *As cidades e as formas de viver*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 19-43.

## Resumos

*Las consecuencias de la privatización del espacio público, una doctrina de la seguridad, que instala vallas, cercas y otras barreras, indican una colonización de nuestro imaginario. La restricción de la circulación a través de la ciudad, la desconfianza mutua entre los territorios de los barrios marginales y el asfalto se consideran como factores de influencia en las formaciones subjetivas.*

**Palabras clave:** La seguridad, la producción de subjetividad, paranoia, agorafobia

*Les conséquences de la privatisation de l'espace public, une doctrine de sécurité, qui installe des clôtures, des barrières et autres obstacles, indiquent la colonisation de notre imaginaire. La restriction de mouvement à travers la ville, de la méfiance mutuelle entre les territoires des taudis et de l'asphalte sont considérés comme des facteurs d'influence sur les formations subjectives.*

**Mots clés:** Sécurité, production de subjectivité, la paranoïa, l'agoraphobie

*The consequences of the privatization of public spaces, by a doctrine of security, that installs fences and other barriers, indicate a colonization of our imaginary. The restriction of movement through the city, the mutual mistrust between the territories of the slum and the city are considered as factors of influence on subjective formations.*

**Key words:** Security, production of subjectivity, paranoia, agoraphobia

**Citação/Citation:** Vilhena, Junia. O Rio de Janeiro entre quarto paredes. Cidade, confinamento e sociabilidade. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 101-107, maio de 2009.

**Editor do artigo/Editor:** Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro

**Recebido/Received:** 4.3.2009/3.4.2009

**Aceito/Accepted:** 26.4.2009/4.26.2009

**Copyright:** © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/ this is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited

**Financiamento:** O autor declara não ter sido financiado ou apoiado/The author has no support of funding to report.

**Conflito de interesses:** O autor declara que não há conflito de interesse/The author declares that has no conflict of interest.

**JUNIA DE VILHENA**

Psicanalista, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS da PUC-Rio, bolsista da CAPES, membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine, CRPM-Pandora e da Université Paris VIII – Denis-Diderot.

Av. Ataulfo de Paiva 135 sala 613.

22440-901 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Fone: (21) 2512-8222; (21) 9478-2670

Home Page: [www.juniadevilhena.com.br](http://www.juniadevilhena.com.br)

e-mail: [vilhena@puc-rio.br](mailto:vilhena@puc-rio.br)